

EDIFICAÇÃO, ÉTICA E SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD E PIERRE BONHOMME

Jorge Miranda de Almeida¹,
Zélia Salles.²

RESUMO: O principal problema a ser exposto nesse artigo é a relação entre edificação, ética e subjetividade entre Kierkegaard e Pierre Bonhomme. Nesse sentido, opera-se um deslocamento da categoria da edificação da teologia ou ciência da religião, para a dimensão ética e filosófica com muita originalidade. Os dois autores partem do mesmo ponto para dialogar com a edificação e pretendem chegar ao mesmo *telos*, porém com métodos diferentes e nessa diferença consiste lugar apropriado para o diálogo e a alteridade. Para os dois pensadores a edificação é a condição da construção do homem interior, para o primeiro, como expõe no prefácio da *Doença mortal*, a edificação é um tipo de análise psicológica que tem como objetivo despertar e fundamentar o homem interior, para o segundo a edificação corresponde ao testemunho do amor diante do mais próximo e necessitado. A abordagem gira em torno do Cristianismo entendido como crístico, pois superam a perspectiva do cristianismo como doutrina e como movimento histórico. O objetivo principal é deslocar a categoria da edificação de um ponto de vista religioso para uma dimensão eminentemente ética, relacionando-a com a edificação e a subjetividade. Edificar é construir o homem interior. Qualquer um pode interiorizar-se e tornar-se o cavaleiro da exceção, o homem por excelência que assume a responsabilidade do amor como é proposto em *As Obras do Amor*. A edificação como exposto no prefácio de *A Doença para a morte* é o alimento e o remédio diante da inautenticidade da vida, e ao mesmo tempo a seriedade ética para transformar a vida em existência.

Palavras Chave: Kierkegaard, Pierre Bonhomme, Edificação, Ética, Subjetividade.

EDIFICATION, ETHICS AND SUBJECTIVITY IN KIERKEGAARD AND PIERRE BONHOMME

SUMMARY: The main problem to be exposed in this article is the relation between edification, ethics and subjectivity between Kierkegaard and Pierre Bonhomme. In this sense, it operates a dislocation of the category of the edification of the theology or science of the religion, for the ethical and philosophical dimension with much originality. The two authors start from the same point to dialogue with the edification and intend to arrive to the same *telos*, but with different methods and in that difference there is an appropriate place for dialogue and otherness. For both thinkers, the edification is the condition of the construction of the inner man, for the first one, as he explain in the preface of the *Deadly disease*, the edification is a type of psychological analysis that has like objective awaken and substantiates the inner man, for the second the edification corresponds to the testimony of love in front of the one nearest and needy. The approach revolves around Christianity understood as Christic because it overcomes the perspective of Christianity as a doctrine and as a historical movement. The main objective is to move the category of the edification from a religious point of view to an eminently ethical dimension, relating it to the edification and subjectivity. Edify is to build the

¹ Jorge Miranda de Almeida, pós-doutor Filosofia, prof. DFCH, Prof. PPGMLS e PPLING. E-mail: mirandajma@gmail.com

² Zélia Salles. Mestre Teologia. Psicóloga. Membro do grupo de pesquisa, memória, subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo, CNPQ. E-mail: sallesz55@gmail.com

inner man. Anyone can internalize himself and become the Knight of the exception, the man per excellence who assumes the responsibility of the love as it is proposed in *The Works of Love*. The edification as exposed in the preface of *The Disease for the death* is the food and the medicine in front of the inauthenticity of the life, and at the same time the ethics seriousness to transform the life in existence.

Keywords: Kierkegaard, Pierre Bonhomme, Edification, Ethics, Subjectivity.

INTRODUÇÃO

Deus é amor. O amor pressupõe a liberdade. A liberdade não é dada ao homem como um produto pronto ou reduzida à esfera do conceito, ela é antes, possibilidade, condição para que o indivíduo singular possa, ele mesmo escolher, entre qual das possibilidades decidir, efetivar e assumir a responsabilidade, diante da concretização do seu ato em tornar-se um si mesmo ou negar tornar-se um si mesmo. O que é significativo para ilustrar a dinâmica do dom e da tarefa existencial, caro leitor, é evidenciar que a vida do ser humano é um dom de Deus e que Ele concede a cada pessoa, porém, o que o indivíduo vai fazer com o dom, ou seja, com a sua vida, é uma questão que compete a si mesmo e não a Deus. Para concretizar o dom em tarefa é necessário segundo Kierkegaard a edificação. Edificar é construir a partir de um fundamento. Ele desenvolve em uma obra denominada *As obras do Amor*, escrita em 1846, o processo que é possível percorrer para ganhar-se a si mesmo a partir do momento em que o indivíduo escolhe tornar-se um existente singular e único e não simplesmente viver como um ser a mais no rebanho, como um ser genérico, como um exemplar da espécie. Edificar está intimamente relacionado com o amor no sentido da abnegação ética e da gratuidade que produz responsabilidade para com o próximo. Como está escrito em Coríntios “A ciência incha, mas o amor edifica.” (1cor, 8,1).

O ponto de partida para a compreensão da edificação, edificante, edificar, edifica e para a edificação em Kierkegaard e em Pierre Bonhomme é a leitura que os dois fazem de textos edificantes constantes na Bíblia. Mas, o que significa edificar? O pensador dinamarquês expõe na segunda parte de *As Obras do Amor* com bastante sustentação o que entende por edificação. O primeiro capítulo é intitulado *O amor edifica*. Existe portanto uma relação entre o amor entendido no sentido do crístico, do amor de abnegação e o ato de edificar. Edificar quem? Edificar o que? Edificar para quem? Edificar por que? A primeira compreensão de edificação e que percorrerá o

itinerário dessa comunicação, bem como a relação entre os dois autores evocados para dialogar em torno da edificação é o amor. Edificar é construir para o alto a partir de fundações, afirma Kierkegaard. Qual é a matéria prima do ato de edificar? O amor. A edificação é exclusivamente uma característica do amor. Porém, “o característico é justamente que ele com exclusividade tem a característica de se entregar” (KIERKEGAARD, 2005, p. 244).

Pierre Bonhomme em suas 172 cartas arquivadas no período de 1833-1861, evidencia em várias delas que exporemos durante a comunicação, sua compreensão de edificação como um ato que a *sua leitora* deveria desenvolver para o alto sempre com a tese de Paulo “fazei tudo para a edificação”, “fazei tudo no amor” e acrescentaríamos, fazei tudo por e pelo Amor, pois Deus é amor e o amor permanece inalterado em sua essência e em seu próprio amor. Por coincidência, o tema da permanência ou da imutabilidade do amor de Deus é o título do VI capítulo da segunda parte de *As Obras do Amor*, intitulado *O amor permanece*.

Pierre Bonhomme em suas *Cartas* demonstra ter consciência de um mundo corroído pela vaidade e pela aparência, logo, pela inautenticidade. É contra esse perigo que ele constantemente prega e ensina que suas filhas não devem desprezar o mundo como podemos observar na carta escrita em 14 de julho de 1849, quando explicita que o que o mundo louva são as honras, os prazeres e as riquezas e que estes constituem o objeto dos desejos dos seus escravos. Esse tipo de escolha diante da vida, da inautenticidade, da superficialidade, de escolha do imediato e do prazer fugaz, Kierkegaard desenvolve na *Doença Mortal* e evidencia ao leitor com uma precisão cirúrgica o remédio para combater a doença, que poderíamos atualizar para os nossos dias de 2016. A causa da doença: a inautenticidade que conduz ao vazio e ao tédio. A cura: a edificação. A edificação, “deve evocar, sempre, as palavras do médico à cabeceira do enfermo” (KIERKEGAARD, 1974, p. 331). Dessa forma, nossa comunicação está dividida em duas partes. A primeira abordaremos o que significa edificar e edificação a partir da fonte primaria em que Kierkegaard e Pierre Bonhomme fundamentaram suas leituras e concepções; e a segunda, a relação entre a compreensão e o diálogo entre os dois pensadores a partir dos respectivos lugares em que se encontram e das respectivas finalidades com o testemunho da edificação, ou da edificação enquanto testemunho para praticar o amor.

1- Edificar e edificação: fontes que *jorram* para a fundamentação da edificação como amor em Kierkegaard e Pierre Bonhomme

No Primeiro Testamento, esse termo está ligado ao ato de edificar uma casa, construir um edifício ou um templo para a glória de Deus. Em Gênesis 11, 8 “Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade”; Deuteronômio 25, 9 “sua cunhada se chegará a ele, na presença dos anciãos, e lhe descalçará o sapato do pé, e lhe cuspirá ao rosto, e dirá: Assim se fará ao homem que não edificar a casa de seu irmão.”; II Samuel, “24, 21 “Perguntou Araúna: Por que vem o rei meu senhor ao seu servo? Respondeu Davi: Para comprar de ti a eira, a fim de edificar nela um altar ao Senhor, para que a praga cesse de sobre o povo.”.

Em I Reis, do capítulo 3 até o capítulo 15, o vocábulo edificar é utilizado 12 vezes com o sentido edificar a casa do Senhor. Em II Reis, é empregado uma única vez e em I Crônicas, do capítulo 21 ao capítulo 29, encontramos 8 vezes também com o sentido de edificar a casa de Deus ou a casa em nome do Senhor ou ainda ao Santo Nome do Senhor. Em II Crônicas do capítulo 2 ao capítulo 36 se mantém a mesma estrutura de construir uma casa grande para o Senhor e também para o próprio Salomão. Esdras do capítulo 1 ao capítulo 5, utiliza 7 vezes a categoria edificar ainda com o sentido exterior, de construir uma casa ao Senhor. Neemias ainda utiliza uma vez na mesma direção da construção exterior, mas como ato dos homens para louvar e memorizar a Deus através do templo em que se queimava incensos.

Porém, nos Salmos há uma inversão, principalmente nos salmos 102 e 127 respectivamente, onde o ato de edificar é invertido, cabendo a Deus a ação de edificar Sião ou a casa onde Ele mesmo será cultuado. Caro leitor, procedamos juntos a leitura dos dois versículos: “quando o Senhor edificar a Sião, e na sua glória se manifestar”, (102, 16) e “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela”. (127, 1). Essa passagem é importante porque quando se afirma que o amor permanece inalterado em Deus, significa que Deus enquanto dom e doador permanece em sua alteridade como Aquele que é capaz de aceitar que aquele ou aquela que recebeu o dom tenha diante de si a escolha em concretizar essa ou aquela decisão, propiciando uma resposta de amor ou outra resposta, mas fruto de uma escolha e que não altera o inalterado, isto é, o amor de Deus.

Eclesiastes no capítulo 3,3 pondera sobre o tempo de derribar e o tempo de edificar e Isaias humaniza o vocábulo edificar, afirmando que uma cidade em ruína jamais se tornará a edificar (25, 2). Jeremias (2 vezes), Ezequiel (2 vezes), Daniel (1 vez), Ageu (1 vez) e Zacarias (1 vez) completam o time dos autores do Antigo Testamento. Porém, como no A.T. não era conhecida a relação de alteridade e de intimidade entre Deus e o homem enquanto singularidade de um e do outro, é compreensível que a abordagem de edificar permanecesse no exterior e na perspectiva do templo, do muro, da cidade. No Novo Testamento, localizamos os verbetes edificar e edifica 7 vezes, porém há um deslocamento de sentido extraordinário, porque não se trata mais de edificar um palácio ou um casebre, mas de edificar o próprio santuário interior, que é a subjetividade humana. O homem se faz o templo de Deus. Deus habita no interior do homem e com este em seu silêncio dialógico constrói a relação consigo mesmo, com o próximo e com o próprio Deus. O amor edifica. Nesse sentido, se insere os *Discursos Edificantes: O fortalecimento do homem interior, adquirir a sua alma na paciência e o amor cobre uma multidão de pecados* que serão suficientes para alimentar o diálogo que nos propusemos.

Paulo na Epístola aos Romanos nos parece que indica tanto para o fundador da Congregação das Calvarianas, quanto para o escritor dinamarquês a dimensão ética contida no ato de edificar. Conforme escreveu: “Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo, visando o que é bom para edificação”. (15,2). E em I Coríntios coloca todas as ações humanas como ferramentas que produzam o ato de edificar. É muito sugestiva a preposição *para* a edificação, porque nela já se estabelece o ato de deslocamento de si em direção ao outro que será o dadivoso da edificação.

Paulo escreve em (14, 26): “Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”. Porém, a exortação mais ética e mais profunda na dinâmica do amor, da edificação e da ética, encontramos na Carta aos Efésios, onde ele faz uma síntese que deve ter ocupado por boas noites de meditação os pensamentos e os corações dos dois autores envolvidos (Kierkegaard e Pierre Bonhomme) e a sua também caro leitor, que propomos dialogar com Paulo, Kierkegaard e Pierre Bonhomme. Em Efésios (4, 16) o autor da Epístola evidencia e sugere um equilíbrio entre cada parte em direção ao todo e para atingir no todo o *Tudo*, pois “[...] do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para

edificação de si mesmo em amor.” O ato de edificar a si mesmo está mais uma vez, inexoravelmente relacionado com a obra de edificar o próximo, porque, amar o próximo constitui a verdadeira tarefa, a tarefa de todas as tarefas, conforme explicita Kierkegaard:

[...] quando, pelo contrário, se deve amar ao próximo, a tarefa existe, (a tarefa ética), a qual, por sua vez, é a fonte original de todas as tarefas. Justamente, porque o crístico é o verdadeiro ético, ele sabe abreviar os raciocínios e cortar fora as introduções panorâmicas, afastar todas as delongas preliminares e libertar de toda a perda de tempo; o cristão está imediatamente na tarefa, porque ele a tem consigo.” (KIERKEGAARD, 2013, pp.70-71)

A edificação de si mesmo *em* amor e *no* amor da qual Paulo convida o leitor a realizar está em sintonia com o que Kierkegaard denomina como o verdadeiro crístico e o verdadeiro ético, isto é, promover a dignidade e o bem comum ao próximo de maneira abnegada. Não há amor em teoria ou em algum lugar etéreo. O amor é concretizado em obras de amor. Obras de amor que se materializam no cuidado, na proteção, na doação, na promoção, na libertação, no crescimento da pessoa do outro, independente de quem seja esse outro, porque se for o próximo, o irmão, a esposa, o filho ou filha, o pai ou a mãe, um parente ou um amigo, efetivamente não é o verdadeiro amor, mas um amor de preferência que se traduz em uma ação egoísta e que não produz santidade, mas satisfação.

2 – A Edificação como testemunho de obras de amor em Pierre Bonhomme e Kierkegaard.

Pierre Bonhomme provavelmente não leu nenhuma obra de Kierkegaard. Em suas cartas, ele emprega o termo edificação também no sentido ético utilizado por Kierkegaard em *As Obras do Amor*. Na Carta de 25 de maio de 1857, ele afirma que as crianças devam ser educadas a partir da conduta das educadoras. Entendemos a conduta como sinônimo de testemunho e coerência. Em outra carta de 15 de fevereiro de 1860, ele sugere que a Paróquia está verdadeiramente edificada quando há união entre os membros que a constitui.

Rosenzweig em *A Estrela da Redenção* na terceira parte da obra, afirma a respeito do testemunho: “[...] tornar-se testemunho é sempre tarefa para o indivíduo singular. E ainda, este deve testemunhar sua ação com respeito a um outro indivíduo singular, pois com efeito a testemunha concerne a Cristo. Cristo é o conteúdo comum

de todo o testemunho de fé.” (2013, p. 352). O testemunho é aquele indivíduo singular que existindo “efetivamente traduz a forma de sua vida em sua própria existência” (KIERKEGAARD, 2013, p. 87). A coerência e a responsabilidade diante de si mesmo e, sobretudo para com o outro, que *me chama, me olha* e eu não posso desviar da minha responsabilidade de substituí-lo em sua nudez, em sua dor, em sua necessidade.

O testemunho como categoria filosófica. Isso é possível? É possível entender o testemunho sem a dimensão da utopia? Não é a boa utopia que confere validade ao testemunho? Sobretudo, se o testemunho for numa dimensão da ética da responsabilidade, um testemunho que doa a si mesmo em total radicalidade, de maneira abnegada? A violência do testemunho numa perspectiva ética questiona paradigmas, teorias e sistemas filosóficos que em sua aridez permanecem nos planos etéreos dos conceitos e das abstrações. É uma outra questão que precisamos pontuar para que o leitor possa decidir se é ou não viável elevá-lo ao estatuto filosófico? Então, qual seria o lugar epistemológico do testemunho? Em que *lugar* da filosofia ele se enquadraria? No ético? No estético? No Religioso? Porém, é cabível a questão: o testemunho quer ser, ou pretende se tornar uma categoria filosófica? Se for, de que filosofia ele seria inserido? Se entendermos o testemunho como aquele que concretiza em sua ação a verdade que é tema central de *A Estrela da Redenção*, é evidente que essa categoria pode ser inserida na constelação de categorias filosóficas, pois a verdade consiste no cerne no próprio ato de filosofar. Afinal, filosofar não é descobrir a verdade que se vela ou desvela? Não é produzir a verdade? Não é dar sentido a verdade? Não é estabelecer as condições de possibilidade de capturar a verdade? Não é fundamentalmente responder sobre o conteúdo do que consiste a verdade?

Entendemos que Pierre Bonhomme utiliza o vocábulo edificar, no sentido que Paulo emprega em Coríntios “o amor edifica” (1, 8,1). O que significa edificar? Edificar é construir para o alto a partir de fundações, assegura o pensador dinamarquês. Temos uma aparente contradição. Construir, edificar, fundar, quando mais fundo, mais profundo, maior será a elevação, a altura. Que quer dizer isso? Kierkegaard na língua dinamarquesa explica ao leitor o que realmente entende por edificar e edificação. A questão é muito importante porque não é suficiente construir maturidade existencial para edificar-se e tornar-se capaz de praticar obras de amor e testemunhar o amor a partir e mediante as obras. É fundamental que a escolha que será concretizada produza frutos edificantes. Eis o texto que propomos para que o

leitor possa dialogar, refletir e chegar as suas próprias convicções sobre a importância do ato de edificar.

Edificar é uma expressão transposta, porém, queremos agora, com esse segredo do espírito em mente, examinar o *que essa palavra significa no discurso usual*. Edificar é formada, em nossa língua, pelo termo *bygge* [construir] e pelo prefixo *op* [em altura] sobre o qual recai a ênfase. Qualquer um que edifica, constrói; mas não basta construir para edificar. Assim, quando um homem constrói uma ala para sua casa, não dizemos que ele “edifica” uma ala, mas que ele a constrói *acrescentando-a*. O prefixo *op* parece designar a elevação, a direção para cima. Mas ainda não é esse o caso. Se um homem eleva em dez varas uma construção que já tem trinta de altura, não dizemos todavia que ele edifica a casa em mais dez varas, mas que ele a *umenta* de tanto. A palavra já começa aqui a se tornar peculiar; vê-se que a elevação [a altura] não é contudo de jeito nenhum o que importa. Em contrapartida, se um homem constrói uma pequena casa, mesmo bem baixinha, mas sobre fundações, dizemos que ele edifica uma casa. Edificar, é então construir para o alto *a partir de fundações*. O prefixo *op* assinala decerto a direção para cima, mas só quando à altura corresponde inversamente uma profundidade falamos em edificar. Eis porque, quando um homem edifica para cima e sobre fundações, calculando mal a profundidade em relação à altura, nós dizemos decerto que ele edificou mas também que ele edificou mal, enquanto que entendemos por “mal construir” algo diferente (KIERKEGAARD, 2005, p. 242)

Se o indivíduo singular, religioso, leigo, ateu, cético, não importa a sua profissão de fé, não construir a si mesmo no tempo e na história, mas viver abstratamente no mundo espiritual, ou no mundo material, na verdade, não está se edificando, mas fugindo de si, porque edificar é existir no mais profundo sentido do termo, no interior da existência, no *aqui e no agora*. Tem-se dois perigos na vida cotidiana, segundo Kierkegaard que causa o desespero que é a desintegração do si mesmo. Viver simplesmente um lado da síntese existencial, ou apenas a dimensão do corpo e do temporal, ou fugir dessa dimensão, para refugiar-se na espiritualidade e no religioso. Em ambas as situações, se as partes forem tomadas isoladamente é fuga, alienação e não edificação. Só quando o indivíduo assume ao mesmo tempo, o que há de mais espiritual e o que há de mais humano, ele constrói a edificação, isto é, constrói a si mesmo.

Portanto, edificar é uma atitude do indivíduo singular em colocar-se em prática concretizando ações que promovam as Bem Aventuranças e *O agora do Reino de Deus*. É testemunhar com ações à própria existência na dinâmica relacional com Deus. Pierre Bonhomme na carta de 22 de julho de 1836, afirma “[...] é impossível não ficar edificado com a vista de seu hábito grosseiro.... ...] de sua aparência simples

e modesto e de seu recolhimento em meio a trabalho” se dirigindo aos monges de Trapa. O que o edificou? O testemunho dos monges, a coerência, a simplicidade. Amar a Deus, não é falar bonito, ou proferir discursos ou homilias sobre o amor, mas amar o amado, ao amar o próximo, amar desmedidamente e gratuitamente. Uma outra referência é a carta escrita em 15 de março de 1839, a respeito do retiro e das pregações em Cahors, quando escreve “aqui tudo me edifica”. Em que sentido ele entende que tudo lhe edifica? Novamente, o zelo, a coerência, a utilização do tempo na construção do bem e na dedicação ao próximo. Contudo, é na carta escrita em 14 de julho de 1849, dirigida às postulantes que ele sintetiza e nos possibilita estabelecer a relação entre ética, edificação e subjetividade quando afirma:

Quero crer, minhas caras filhas, que a boa conduta lhes merecerá a felicidade de tomarem o hábito religioso após o retiro anual. Mas como esta cerimônia de vestição, tão edificante aos olhos dos homens, seria gloriosa aos olhos de Deus, se, antes de deixarem a vestimenta secular, já tivessem deixado de lado as máximas do mundo e seus erros perniciosos. Honras, prazeres, riquezas, eis o que o mundo louva e o objeto dos desejos dos seus partidários, ou de seus escravos. Desprezos, humilhações, cruz, pobreza, tal deve ser o objeto dos desejos e o quinhão de uma verdadeira religiosa.

O que Pierre Bonhomme estabelece para uma verdadeira vida de comunhão com Deus, e é preciso entender o contexto onde ele está inserido e a quem destina o seu texto, é em nosso ponto de vista muito próximo do que Kierkegaard compreende por edificação. Edificar não é fugir do mundo, das honras, dos prazeres e das riquezas, mas compreender e escolher o que há de mais importante e decisivo para a existência que não está nos sabores da fortuna ou da sorte, mas escolher no tempo, entre as questões do tempo, aquilo que é importante e decisivo para toda a eternidade. Edificar é aprender a optar pelo que não é conveniente no tempo, mas escolher a cruz como sinal de doação e de abnegação, isto é, como concretizar-se doando, em obras de amor.

Para exemplificar ao leitor ou a leitora, a dinâmica existencial e relacional entre o homem e o Absoluto que se concretiza nas ações éticas ou da dinâmica entre a individualidade de Deus e a individualidade singular do homem, enquanto imagem e semelhança de D’Ele, é possível utilizar a metáfora extraída da interpretação da pintura *A criação* de Michelangelo que está na Capela Sistina no Vaticano. O ser de Deus se desloca de sua Magnitude, de sua Onisciência e Onipotência e nesse deslocamento, sai de si em direção ao humano, este por sua vez, se lança sobre o desafio de superar a

dimensão animal e material em direção ao Divino. Ambos se aproximam, dialogam, se relacionam, a proximidade dos braços, das mãos estendidas e dos dedos retos indicam o esforço e a vontade; mas ao mesmo tempo, não há domínio de um sobre o outro. Há proximidade, vizinhança, respeito. São essas condições para afirmarmos que a alteridade de Deus e a alteridade do homem são condições de uma relação madura afetiva, existencial e ética.

A subjetividade responsável implica exatamente a capacidade de retrair-se para doar-se inteiramente ao próximo. Precisamos oferecer ao leitor ou a leitora dessa obra nossa concepção da subjetividade para que no diálogo entre Kierkegaard e Pierre Bonhomme no interior das relações éticas, pedagógicas e existenciais os frutos do colóquio possam ser saboreados lentamente. Kierkegaard nos oferece a chave para essa compreensão. Em primeiro lugar é preciso estabelecer de qual subjetividade estamos tratando. Portanto, a subjetividade real não é a que sabe ou tem conhecimento intelectual especulativo, pois, com o saber, ela está no terreno da abstração e da imaginação, mas sim a subjetividade eticamente existente que se angustia e se desespera diante de um ato que precisa ser concretizado, mesmo que para isso tenha que decidir no *temor e no tremor*. Dessa forma, temos uma concepção de subjetividade que os pensadores, filósofos, teólogos, literatos, psicólogos, sociólogos costumam utilizar que engessa o homem em uma definição conceitual e uma subjetividade real que é aquela efetiva e que vai se construindo a partir do momento em que se desloca e que se coloca em relação.

Doar-se abnegadamente implica a edificação que é construída na interioridade, no silêncio dialógico e no esforço em dominar-se cada vez mais, para paradoxalmente, ser capaz de tornar-se livre. Deus torna-se livre de si mesmo, negando a si mesmo (para os Cristãos, a morte de cruz e na cruz é o ápice dessa negação) e o indivíduo nega o momentâneo, o efêmero, para tornar-se no tempo um testemunho existencial do eterno. Pierre Bonhomme em suas 172 cartas arquivadas no período de 1833-1861, evidencia em cada uma delas, uma forte dimensão da subjetividade dialógica quando se dirige a outra subjetividade com nome e sobrenome. Entendemos e diferenciamos, quando a mensagem é dirigida a uma outra pessoa singular e quando ela é direcionada a Instituição. No primeiro exemplo, temos a subjetividade relacional, isto é, um eu que se dirige a um tu concreto. No segundo, um eu que se dirige objetivamente à direção, à coordenação como responsável por determinado conteúdo.

Nesse sentido, a santidade é uma construção no interior do mais profundo do humano. Dessa forma, o *Discurso Edificante intitulado O fortalecimento do homem interior* propicia a Pierre Bonhomme experimentar como qualquer homem ou qualquer mulher muitas das adversidades e das fraquezas da qual é constituído em sua ambiguidade e sua incompletude o ser humano. A grandeza se constitui em reconhecer essa fragilidade e impotência e confiar na misericórdia do Amor, sem contudo, eximir-se do sofrimento, da dor e do medo. Em suas cartas, constatamos a humanidade nua e crua, despida do véu da santidade que normalmente cobrem os santos depois dos processos canônicos. A adversidade é o tema central do *Discurso O fortalecimento do homem interior*. Esse tema é recorrente em Pierre Bonhomme em suas Cartas, conferências e homilias para leigos e religiosas. O mundo quer ser enganado. É preciso recolhimento como interioridade para amadurecer a subjetividade da pessoa e conseqüentemente realizar escolhas que tenham valor de eternidade, mesmo quando são realizadas no tempo. Para Kierkegaard

Então adversidade servirá a tal pessoa para o fortalecimento no homem interior. E como seria diferente? O homem interior realmente anuncia-se naquela preocupação, e adversidade realmente permite precisamente o externo, o visível, e o tangível desvanecerem-se e fazerem-se confusos – mas por isso acaso chamamos interior sempre a existência? Padecimento realmente a todos preocupam, mas acaso sempre com Deus? (KIERKEGAARD, 2000, pp. 78-79 – grifos do autor)

Nosso esforço consiste em evidenciar ao leitor ou a leitora que em suas cartas identificamos muitas situações em que encontramos P.B. em dimensões que configuram o humano de carne e osso e tutano nas veias em sua complexidade e incompletude, diferente do outro humano que é representado em sua completude na forma conceitual. O que pretendemos demonstrar é que a categoria da adversidade nos dois autores não significa uma fuga do temporal para refugiar-se no eterno; pelo contrário, adversidade é tensão, é luta contra o exterior e aquilo que é criticado como exterioridade é a aparência, isto é, o contrário do homem interior.

A exortação de Pierre Bonhomme na Carta de 2 de julho de 1836, demonstra a importância da interioridade para edificar e dessa para com a prática do amor. O movimento é muito parecido com o proposto por Kierkegaard. O que enerva e corrompe o coração? Não é possível construir maturidade existencial sem resignação das coisas passageiras e efêmeras e sem sacrifícios. A edificação não é critério de santidade para si mesmo, mas um exercício contínuo de amor para com o próximo.

Eis um trecho da referida Carta onde poderemos constatar essas afinidades eletivas entre os dois autores, como por exemplo, na carta de 2 de julho de 1836:

Enfim, quando saio da Igreja e atravesso as praças públicas, tudo que vejo aí me faz ainda pensar em vocês. “Como elas são felizes, minhas queridas filhas, penso eu, de estarem afastadas deste luxo e destes pretendidos prazeres da Capital que enervam e corrompem o coração! Ou antes, se eu as tivesse aqui comigo, ó meu Deus, elas se convenceriam facilmente que tudo é vaidade no mundo, porque tudo causa desatino ou poderia dizer que tudo encanta, mas nada satisfaz o coração. À noite, sinto desgosto por um dia passado assim numa distração quase contínua, sem esperança de melhorar no dia seguinte. E os dias passam e a eternidade se aproxima. [...], portanto, todo esforço possível, minhas queridas filhas, de alcançarem uma eternidade feliz para a qual foram criadas. É necessário suportar com resignação os sacrifícios de um momento em vista da eternidade. Sejam todas as seis modelos de edificação para o próximo. Deus não tardará de nos dar outras companheiras que, por sua vez, vão edificar pelo seu bom comportamento e que reconhecerão no céu ter amado com um amor mais perfeito na terra um Deus que, sem os seus conselhos e seus exemplos, elas nunca teriam talvez conhecido.

Diante do exposto, podemos afirmar que a humanidade do humano é edificada em cada ação, em cada momento e em cada situação no contexto em que ocorre, e exige uma decisão singular que promove o humano de si e o humano a quem está vivendo naquele momento único e insubstituível. A santidade é consequência desse exercício diário do humano. Quanto mais humano, mais divino, porque o divino testemunhou com a própria vida que essa é a condição. A condição! Novamente num trecho da Carta de 30 de outubro de 1833, Pierre Bonhomme relaciona o amor a Deus como prática do amor ao próximo, mesmo ao inimigo. Esse é o amor incondicional da qual Kierkegaard aborda como amor de abnegação.

Aprove a Deus, a esse Deus de misericórdia, que junto do pai enfermo, começasse a praticar a caridade que, mais tarde, deverá exercer para com todos os homens, mesmo para com os inimigos. Recorde-se que, então, deverá prodigalizar a estranhos os mesmos cuidados, a mesma ternura que, hoje, a seu pai prodigaliza.

O homem é sempre fruto de uma época, é localizado e contextualizado em um determinado lugar, com determinadas características culturais, sociais, econômicas, simbólicas, da qual não é possível desconectar. Ele é filho e fruto de sua época. E qual era o movimento mais importante dessa época? Quais os reflexos da Revolução Francesa em sua formação religiosa e intelectual? Qual era a sua concepção de

homem, de sociedade e de Deus a partir do que escreveu e testemunhou em suas cartas? O que evidenciamos a partir do registro das respectivas cartas é que P.B. é um homem no sentido em que foi se tornando, se deslocando, se despindo do eu para adquirir em si mesmo um sentido mais profundo do que o homem criado a imagem e semelhança de Deus é capaz de edificar e de se tornar. Um indivíduo singular capaz de doar-se ao próximo sem perder-se assim mesmo. O que é uma situação no sentido existencial? Mais importante do que a resposta ao leitor, é o que ela provoca enquanto movimento que exige um ato para realizar-se. Não existe uma situação em abstrato, ela é sempre em concreto e no tempo presente onde as pessoas estão inseridas. A situação ocorre a partir de uma ocasião envolvendo os indivíduos que estão vivendo o drama, a dor, a expectativa, o conflito, o êxtase, o encontro, a perda, a descoberta ou a crise.

No interior da situação localizamos a figura do próximo. O próximo de si mesmo, e o próximo do Tu, que é existencialmente a reduplicação do próprio si mesmo, pois este não existe, se não se torna imediatamente um segundo Tu, como expõe Kierkegaard em *As Obras do Amor* (2005). A questão fundamental da ética reside em que lugar ocupa o Tu na dinâmica da construção do Eu - si mesmo. Quantas vezes em suas cartas P.B. não se coloca no lugar do próximo e não se torna ele mesmo a ocasião para o crescimento emocional, afetivo, religioso, ético, intelectual das suas *filhas*, ou do seu próximo?

Considerações inconclusas

Possivelmente este seja o primeiro artigo relacionando Kierkegaard e Pierre Bonhomme e enviado para publicação em uma Revista de Filosofia e áreas afins. A ousadia é proporcional a originalidade, pois com a categoria da edificação, realizamos um deslocamento de sentido e de significado para o terreno da ética da alteridade, onde a ação de se tornar responsável pelo próximo precede a liberdade individual e ao mesmo tempo, ela é critério para a própria liberdade. Com o deslocamento também se opera uma reduplicação no próprio deslocamento, pois ao mostrar Pierre Bonhomme em suas correspondências, retira-se o véu de um homem que já nasce *santo* e o insere na dinâmica e na perspectiva de tornar-se o cavaleiro da fé como é desenvolvido por Kierkegaard em *Temor e Tremor* a propósito da relação de Abraão com Deus e que se tornou um clássico da Filosofia e da Literatura por seus inúmeros começos como

possibilidades e como escolhas que Abraão têm diante de si e que estranhamente a Teologia ainda não descobriu ou não se interessou.

O objetivo principal foi estabelecer um diálogo entre Kierkegaard e Pierre bonhomme em torno da edificação. O que significa ser referência de edificação para o próximo? Se cada próximo é único, singular e se constitui em uma subjetividade e se é impossível, segundo Kierkegaard implantar no coração do outro a edificação, como edificar? A resposta podemos encontrar em João 10, 25 na *Parábola do Bom Pastor*, quando Jesus diz sobre si mesmo a partir das obras que realiza. Observe a coerência entre a obra, o testemunho e o resultado: “As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim”. Qual é o resultado das obras de Jesus durante seu percurso existencial? As suas obras produzem a vida e a vida em abundância. O critério do testemunho ético e existencial é quando este produz vida, dignidade, partilha e comprometimento com o próximo.

Portanto, o ato de edificar significa em principalmente que o leitor ou a leitora, esteja disposto ou disposta a se edificar. A prerrogativa está na condicional, *se* como sinônimo de escolha e de liberdade, ou seja, *eu quero* ser edificado(a). Mas, como isso é possível em uma comunidade, um grupo? Não se edifica o grupo como grupo, mas cada pessoa, enquanto faz parte daquele grupo e se constitui em subjetividade. Se assim não fosse, não seria um ato livre, mas uma lavagem cerebral, uma manipulação tão comum nos dias midiáticos em que vivemos no Brasil no momento em que estamos escrevendo esse artigo e provocando a possibilidade do diálogo com o leitor ou com a leitora.

REFERÊNCIAS

BONHOMME, Pierre. *172 Cartas*. Arquivos. São Paulo: Congregação Calvarianas, s/d.

KIERKEGAARD. *As Obras do Amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. *Pós escrito conclusivo não científico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *O fortalecimento do homem interior*.

_____. *A Doença Mortal*. São Paulo: Coleção Os Pensadores, 1974.

ROSENZWEIG, Franz. *La stella della redenzione*. Seconda ristampa. Milano: Vita e Pensiero. 2013.